

UMA EXPLICAÇÃO NECESSÁRIA

Por que surgiram estas linhas?

Simplemente para despertar no prezado leitor a importância do folheto evangélico, seu alcance e sua necessidade.

Enquanto as seitas crescem através dos mesmos meios de divulgação, muitas vezes objetivando resultados financeiros, os que possuem as verdades eternas no coração, almejando a salvação de almas deveriam se esforçar na disseminação de folhetos, como a boa semente da Palavra de Deus.

Que este desprezioso trabalho alcance seu objetivo, e o que o nome de nosso Senhor Jesus Cristo seja exaltado na salvação de almas, quer na elaboração, na impressão ou na distribuição de folhetos.

Que o Senhor da seara derrame Suas bênçãos em favor das vidas dos que se dedicam a este ministério, dando-lhes saúde, disposição, coragem e entusiasmo, certas de que este trabalho não é vão no Senhor,

“Quem sai andando e chorando enquanto semeia, voltará com júbilo trazendo os seus feixes” (Salmo 126.6).

.oOo.

LEMBRANÇAS DO MEU NASCIMENTO

Nasci numa pequena cidade do interior, mais precisamente num pequeno quarto que era também um escritório, onde dormia e, ao mesmo tempo, estudava um homem bastante simples.

Lá ele começou a me dar forma, utilizando-se de um papel e de uma velha máquina de escrever. Tentou várias

vezes, apagava frases e tornava a escrevê-las e, por fim, saiu o que sou agora - um folheto, um pequeno escrito impresso.

Dentro de minhas quatro páginas se encontram palavras poderosas.

Tenho visto ao longo de minha existência muitas pessoas que, após lerem meu conteúdo, derramam lágrimas, outras me tratam com indiferença, deixando-me num canto qualquer e, ainda outras me jogam no lixo. Confesso que, quando isto acontece, fico imensamente triste.

Mas o que fazer? Devo lembrar que sou apenas um folheto de quatro páginas.

Eu tenho muitas experiências a contar.

Você está disposto a ouvi-las?

.oOo.

A FUGITIVA

Não faz muito tempo fui parar nas mãos de uma jovem, talvez ainda uma menina de dezesseis anos. Ela brigou com seus pais e resolveu fugir de casa. Coitada! Numa noite fria, separou algumas roupas e desapareceu. Estava totalmente confusa. Seus pensamentos giravam em sua cabeça como um turbilhão.

Turbilhão? Mas eu não perco a mania de usar palavras difíceis - fica melhor um furacão, um redemoinho.

Bem, assim estavam seus pensamentos e, o que é pior, um coração cheio de ódio.

Algum tempo se passou, ela estava ela sentada numa praça, toda suja, pensativa. E aí eu fui parar em suas mãos.

Ela começou a me ler. Leu uma vez, duas e com muito cuidado me guardou dentro de uma agenda, em sua mochila.

No dia seguinte, bem cedinho, voltou a me ler. E depois começou a chorar baixinho. Pois em minha segunda página estava escrito:

“Então, caindo em si, disse: Quantos trabalhadores de meu pai têm pão com fartura, e eu aqui morro de fome! Levantar-me-ei e irei ter com meu pai e lhe direi: Pai, pequei contra o céu e diante de ti; já não sou digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus trabalhadores”.

E logo, um pouquinho mais adiante, ela leu:

“Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito para que todo o que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna”.

Tornou a me guardar em sua agenda e começou a caminhar. Ao mesmo tempo que caminhava depressa, ela balbuciava: **“Deus me ama”... “Deus me ama”**. E sabem para onde ela estava indo? Para sua casa.

Assim que chegou, fiquei bem quietinho dentro de sua agenda e escutei tudo.

Ah, como sou curioso!

Ela abraçava e beijava seus pais e lhes pedia perdão. E, soluçando, contava-lhes que tinha descoberto a verdadeira vida na pessoa do Senhor Jesus.

Em seguida, foi até sua agenda e com muito carinho me tirou lá de dentro. Confesso que já estava aflito no meio daquelas páginas. Com muito carinho, passou suas mãos várias vezes sobre mim, alisando-me suavemente. Que delícia! Fiquei muito satisfeito

Então me entregou a seus pais, dizendo-lhes que fui eu quem mostrou-lhe a nova vida em Cristo.

Como fiquei orgulhoso!

Assim que seu pai me tomou em suas mãos, disse que logo iria me ler, pois agora desejava muito falar com sua filha. E colocou um peso sobre mim para que eu não voasse, pois a janela estava aberta e ventava muito. E lá fiquei eu, morrendo de frio.

Passaram-se alguns dias e a poeira começou a me perturbar.

Ah, eu ia me esquecendo de dizer que sou alérgico à poeira. Mas, que remédio, não podia me mexer nem sair de lá por vontade própria.

Um dia, chegou uma senhora de seus quarenta anos, àquela casa. Tinha um lenço amarrado na cabeça e um espanador grande em suas mãos. Era a arrumadeira da casa. Fiquei assustado com aquela coisa tão grande, com uma penugem esquisita. E começou a me espanar. Confesso que me senti aliviado com a retirada de tanto pó.

Aí, ela me pegou em suas mãos, sentou-se num banquinho e começou a me ler. Mas ela me lia muito mal. Às vezes tinha dificuldade com certas palavras e eu me sentia aflito. Depois de muito tempo, dobrou minhas folhas, colocou-me em seu avental e levou-me para sua casa.

Aí, ela me pegou em suas mãos, sentou-se num banquinho e começou a me ler. Mas ela me lia muito mal. Às vezes tinha dificuldade com certas palavras e eu me sentia aflito. Depois de muito tempo, dobrou minhas folhas, colocou-me em seu avental e levou-me para sua casa.

Era uma casa bem humilde, mas tudo em perfeita ordem e limpeza.

De noite, reuniu seus filhinhos, um com oito e o outro com seis anos e começou a me ler para eles. E começou meu sofrimento outra vez, pois sua dificuldade era grande diante de minhas letras. Mas ela foi até o fim, despertando curiosidade em seus filhinhos,

Quando terminou, encontrou um convite no final, com um endereço onde outras mensagens como as que eu continha, poderiam ser contadas.

E sabe o que aconteceu? No domingo, bem cedinho, todos foram para aquele lugar onde também encontraram o mesmo Salvador que aquela menina tinha encontrado.

Se você visse aquela mulher com seus filhinhos! Ah, eu mesmo vi uma nova vida raiando em seus corações com o toque poderoso de minhas palavras. E como fiquei satisfeito!

E sabe onde ela me colocou? Dentro de um Novo Testamento que ganhou naquela igreja.

Alguns meses depois, trabalhando naquela casa, descobriu que o pai daquela jovem estava muito doente. E num dos intervalos da limpeza, falou sobre o conteúdo de minhas palavras. E eu fiquei todo orgulhoso

Falou que um dia encontrou-me sobre um móvel todo empoeirado, que me espanou e que depois me leu várias vezes. E que por fim descobriu a verdadeira vida em Jesus Cristo.

Assim que terminou de contar sobre mim, aquele homem sentou-se de repente na cama e, espantado, disse:

- Então é o folheto que mudou a vida da minha filha e eu fiz pouco caso dele. Ah, se eu pudesse lê-lo... por que não o li naquele dia?

E, mais do que depressa, a mulher disse:

- Não se preocupe, amanhã eu vou trazê-lo para o senhor, pois ele está bem guardadinho em meu Novo Testamento, meu Livro inseparável.

E aquele homem, bastante doente, com voz bem triste falou:

- E se não tiver tempo, pois me sinto tão fraco?... Será que não poderia trazê-lo ainda hoje?

E mais do que depressa, lá foi ela me buscar.

Vim bem apertadinho no meio do seu Novo Testamento.

Lá chegando, entregou-me para aquele homem, que começou a me ler devagarzinho.

Leu-me várias vezes, até chamar a filha para explicá-lhe melhor meu conteúdo. À medida que ela falava do amor de Cristo, seu rosto resplandecia de alegria e suas lágrimas escorriam pela sua face.

Só me lembro de algumas palavras que ele falava baixinho:

- Eu desejo receber a Jesus Cristo como meu Salvador... Eu descobri que Ele me ama... Por que eu fui descobrir tão tarde?

E, apertando as mãos de sua filha, exalou... Mas que coisa estou falando difícil de novo. Ficaria melhor eu dizer soltou seu último suspiro. E aí eu chorei também!

Acho que você está cansado com minhas histórias. E são tantas! Eu estou tão velho, mas lembro-me de muitas.

.oOo.

O MARINHEIRO

Certa vez, fui parar nas mãos de um marinheiro. Um moço bonito. Um tipão.

Este moço, quando criança, frequentou uma igreja, ode aprendeu muita coisa sobre o Senhor Jesus. Mas, atingindo a adolescência, seguiu a sua própria vida, fazendo amizades prejudiciais. Sofreu muito e trouxe muitos desgostos a seus pais. Até que resolveu trabalhar em navio de grande porte, tornando-se um marinheiro.

Nessa dia, caminhava sozinho.

Era o dia do aniversário de sua mãe, uma fiel serva do Senhor.

Então começou a recordar que, no passado, nesse dia, sua mãe convidava várias pessoas para um culto de gratidão a Deus. Os convidados cantavam hinos e uma alegria divinal invadia o seu pequeno lar. Na sua mente, vieram as primeiras palavras de um hino que sua mãe apreciava:

“Sim, o amor de Deus é grande,
Nem nele há variação;
Mais se alarga, mais se expande,
Bênção traz ao pecador,
E o vigor da nova vida
Nos infunde tal amor”.

E, baixinho, começou a balbuciar a melodia do velho hino. Foi exatamente nesse momento que alguém me entregou a ele.

Lembro-me que ele levou um tamanho susto, pois estava distraído. Olhando para mim, ao mesmo tempo agradeceu àquela pessoa que nunca mais viu. Leu as primeiras palavras, guardou-me num dos bolsos de sua calça e seguiu cantando aquele velho hino.

À noite, uma vez no convés do navio, tirou-me do bolso e começou a ler.

Soprava uma brisa muito gostosa. Confesso que tive medo de sair voando e cair naquelas águas geladas. Mas ele me segurava muito bem, a ponto de eu sentir a força de seus grandes dedos. Leu-me várias vezes e, por fim, guardou-me de novo em seu bolso. Fiquei desapontado, pois não vi nenhuma reação como das outras vezes.

Lá pelas onze horas, ele foi para o seu camarote e, sem tirar a roupa, jogou-se na cama. Eu fiquei sufocado, entre seu bolso traseiro e o colchão. Que situação mais desconfortável! Mas que remédio, eu sou um simples folheto de quatro páginas!

Naquela noite ele se mexia muito na cama. Parecia que estava sobre um formigueiro. Ora se levantava, ora se deitava. E, de repente, tirou-me do bolso. Que alívio! Começou a me ler vagarosamente. Parou e começou a cantar aquele hino: “Sim, o amor de Deus é grande...” Reiniciou a leitura e aí foi até o fim.

Eu fiquei de olho nele, pensando: “Será que vou de novo para seu bolso?” Que nada, ele começou a me ler novamente, até que passou a cantar em voz alta o hino de sua mãe, e cantava, e chorava. Me lia mais um pouquinho, cantava e chorava. E sabe de uma coisa? Isto foi até o navio apitar, anunciando o horário de despertar.

Amanhecia.

As poucas estrelas no firmamento luziam e o jovem marinheiro estava cheio de felicidade.

Naquela noite, abraçou o mesmo Salvador de seus pais. Era uma nova vida, contente em descobrir que o amor de Deus é grande e que nele não há variação;

E eu fiquei contente também.

.oOo.

O GRANDALHÃO

Um dia fui parar nas mãos de um homem que mais se parecia com um gigante. Tinha uma boca grande - parecia um túnel - e um bigode bastante espesso.

Seus gestos eram bruscos, mas, diante da menina franzina e ao mesmo tempo gentil, ele mostrou-se educado, guardando-me imediatamente num bolso de sua jaqueta. Quem experiência dura pra mim! Lá fiquei eu todo amarrotado.

Duas semanas depois, levou sua jaqueta à lavanderia e esqueceu-se de tirar-me do bolso. Entretanto, a encarregada de examinar os bolsos tirou-me a tempo de lá. Que alívio, pois por um pouco quase fui centrifugado. E se isso acontecesse já imaginou o que seria de mim?

Pois bem, a mulher tirou-me do bolso e grampeou-me no comprovante da entrega da jaqueta, pois só assim eu seria devolvido ao grandalhão.

Alguns dias se passaram e ele foi buscar a jaqueta, quando aquela senhora entregou-me a ele.

Ficou curioso ao receber das mãos da mulher, pois havia-se esquecido de mim completamente. E novamente me colocou em seu bolso.

Lá estava eu novamente, como da primeira vez.

Ao sair da lavanderia, entrou num pequeno bar de comprou cigarros, guardando-os junto comigo.

Lembra-se que sou alérgico? Pois bem, comecei a me sentir ofegante com aquele cheiro horrível, até que ele encontrou-se com um amigo bem parecido com ele. O amigo pediu-lhe um cigarro e ele, tirando o maço do bolso, deixou-me cair, causando curiosidade em seu amigo, que socorreu-me bem depressa e começou a me ler. Mal começara, deu uma gargalhada tão grande que levei um susto. Ainda rindo, zombou de seu amigo, chamando-o de cristão.

- Então você agora virou crente?

E continuou a dar a sua gargalhada e a fumar ao mesmo tempo.

- Que nada - respondeu o outro.- Recebi este folheto há umas semanas de uma menina bem educada. Se fosse outra

pessoa, teria rasgado em sua cara. Mas esta criança me encantou com sua educação. Parece que estou ouvindo a sua voz, agradecendo-me por ter recebido o folheto. Mas ainda não o li. Não tenho a mínima vontade.

Tornou a pegar-me com suas grandes mãos e lá fui eu de novo para o seu bolso, perto do maço de cigarros. Que sofrimento!

.oOo.

NUM LAR DE VELHOS

Não levou muito tempo e o Grandalhão deu sua jaqueta para um abrigo de velhos, e eu fui junto.

Logo que lá cheguei, uma senhora bem idosa tirou-me do bolso.

Que alegria foi a minha. Podia respirar. Bem, respirar é força de expressão, pois sou um folheto de quatro páginas.

Ela guardou-me em uma caixinha de papéis velhos. O cheiro não era de cigarros, mas de papel velho, amarelado.

Estou falando de papel velho como se eu fosse novinho! Bem, mas aqueles eram mais velhos do que eu.

Não sei quanto tempo fiquei lá, mas um dia esta bondosa senhora levou-me para uma varanda bem grande, diante de um imenso jardim, sentou-se numa cadeira de balanço e começou a ler-me.

Era uma senhora de pouco mais de setenta anos, cabelos bem grisalhos e bem gorda.

Quando terminou a leitura, percebi que outra senhora estava por detrás, lendo-me também. E começaram a travar um diálogo.

Eu fiquei bem quieto.

Uma delas dizia:

- Isso que está escrito não tem nenhum valor, pois foi escrito por qualquer pessoa.

Como aquilo me ofendeu.

“Qualquer pessoa?”. Ora, o homem que escreveu-me pediu a direção de Deus. Orou insistentemente por mim, para que eu fosse um instrumento nas Suas mãos.

Ouvia sempre dizer: “Foi Deus mesmo quem escreveu estas linhas, pois Ele deseja que todos se salvem e venham ao conhecimento da verdade”.

Mesmo aborrecido, continuei ouvindo aquelas duas senhoras. Uma delas respondeu:

- Bem, se foi escrito por qualquer pessoa não sei, mas suas palavras parece que têm um poder maravilhoso. Continuou ela:

- Escute só este pedaço: “O homem foi criado para viver em santidade, mas o pecado entrou no seu coração, e ele foi expulso daquele jardim. Mas Deus, em Sua infinita misericórdia, enviou Seu único Filho para salvar a todos os que creem nEle”.

- E escute só que palavras mais doces: **“Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito, para que todo o que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna”**.

Logo em seguida, tocou o sino anunciando a hora do jantar e as duas mulheres foram ao restaurante.

E eu fiquei dobrado no bolso da jaqueta, aquela do Grandalhão.

De noite, foram para o quarto, pois as duas dormiam no mesmo aposento.

Uma vez naquele quarto, um lugar bem quentinho, ela tirou-me do bolso e colocou-me sobre uma mesinha, ao lado de um copo de água. Fiquei com medo de que ela, distraidamente, esbarrasse no copo e me molhasse todo. Felizmente isto não aconteceu, pois, de manhã, novamente, as duas retomaram os comentários sobre o meu conteúdo.

E eu, como no dia anterior, fiquei ouvindo.

Alguns dias depois, chegou naquele lar de velhos um senhor de aproximadamente cinquenta anos. Vinha com uma Bíblia em suas mãos. Era um pregador muito admirado nas redondezas.

Assim que chegou, foi abordado por aquelas duas senhoras sobre o meu conteúdo. As duas queriam falar ao mesmo tempo, e eu estava segurado pelas mãos de cada uma delas.

Que sufoco! Pensei: “Agora vão-me rasgar... Vivi tanto tempo para acabar rasgado!”

Imediatamente o pregador tomou-me pela mão.

Que alívio! E começou a me ler silenciosamente.

Quando terminou, percebi que lágrimas desciam de seus olhos. As duas senhoras e eu ficamos curiosos. Foi aí que eu olhei melhor para seus traços e descobri que há muitos anos conheci uma pessoa parecida com ele. E logo em seguida desisti da ideia, pois pensei que estava caducando.

Caducando? Que nada! Sou bom fisionomista.

Será que você é capaz de descobrir quem era o pregador?

Aquele marinheiro! Ele mesmo! Os cabelos estavam embranquecidos, mas seus olhos eram os mesmos. Eram os mesmos olhos cheios de alegria, como naquela manha quando se converteu a Cristo.

Eu o tinha reconhecido e que queria dizer-lhe: “Oi, como vai? Lembra-se de mim?”, mas sou um simples folheto.

Então ele tirou um lenço bem branquinho de um dos bolsos do seu paletó, enxugou seus olhos e começou a contar a história de sua conversão para aquelas senhoras.

- Eu era um marinheiro, revoltado, rebelde, ingrato e desobediente aos meus pais. Saí de casa com meus dezesseis anos e passei a viver uma vida mergulhada no pecado. Era tanta miséria espiritual que perdi a paz com Deus. Mas sabem de uma coisa? Meus pais me ensinaram desde pequeno as verdades de Jesus e eu as desprezei.

- Muitos anos depois, andando pelo cais do porto, recebi este mesmo folheto. Parece que foi ontem, mas já são passados quase vinte anos. Eu o li várias vezes, e ele me levou aos pés de Cristo, pois, quando amanhecia, uma nova vida também amanhecia dentro de mim. Deixei a vida de marinheiro, concluí meu curso universitário e me coloquei à disposição do meu Salvador para servi-lo. Hoje sou um

pregador do Evangelho, graças à misericórdia de Deus que me fez receber este folheto.

E suas lágrimas desciam como gotas de orvalho pela sua face.

As duas senhoras ficaram emocionadas e diziam entre si: “Um simples folheto mudou uma vida”.

Bem, modéstia à parte, não sou tão simples, pois quem me criou foi um homem colocado à disposição de um Salvador precioso que tantas vidas salvou por meu intermédio.

E aquele pregador continuou a falar do amor de Cristo para aquelas duas senhoras até que o sino, anunciando o almoço, começou a tocar. E todos foram para o refeitório.

Cada dia eu tinha um quarto para ficar, ou uma varanda para ser lido, pois aquelas duas senhoras foram me emprestando para outros moradores do asilo.

Eu estava bem feliz, pois gosto de sentir as pessoas, ouvir suas opiniões, contemplar suas lágrimas e descobrir que encontraram um Salvador maravilhoso.

Outras tantas visitas foram feitas pelo pregador naquele lar de velhos e muitas almas encontraram-se com o Senhor Jesus, inclusive aquelas duas senhoras.

.oOo.

NUM SALÃO DE BAILE

Um dia fui parar num salão de baile. É isso mesmo, num salão de baile.

Nunca estive num lugar tão barulhento como aquele. As pessoas falavam ao mesmo tempo e, o que é pior, havia um cheiro forte de cigarro por toda parte, e vocês sabem que sou alérgico.

Eu estava em uma bolsa com tantas coisas: creme, desodorante, perfume, batom, ferramentas de uso de uma jovem alta e forte. Olhando bem para dentro de seus olhos, podia se ver uma certa tristeza. Aparentava seus vinte e dois anos.

Tive a impressão que já a conhecia, quando ela tomou-me em suas mãos. Mas não deu tempo para me fixar nela, pois guardou-me rapidamente em sua bolsa.

“Mas como fui parar em sua bolsa?”, talvez você esteja pensando.

Pois bem, ela estava saindo do metrô, numa de suas estações, e nem no alto da escada rolante um moço estava distribuindo folhetos. E no exato momento que ela chegou, recebeu dele este folheto de quatro páginas.

Logo pensei: “Ela vai me jogar no lixo”.

Estava bem errado. Ela guardou-me em sua bolsa, bem no meio de tudo aquilo que já falei.

E continuou seu caminho, até encontrar-se com o rapaz que estava com ela no baile. Os dois se divertiram bastante até boa parte da noite.

Amanhecia o domingo, quando o rapaz a levou para casa.

Seus pais estavam acostumados com a vida que ela levava e não se importavam com ela, pois eles mesmos viviam separados dentro do mesmo teto. Sua mãe não lhe dava carinho e seu pai raramente lhe dirigia a palavra. Que família complicada, não?

.oOo.

CONVERSÕES VERDADEIRAS

Mas neste domingo, quando entrou em sua casa, começou a retirar tudo de dentro da bolsa e eu, como lá estava, saí também.

Ela começou a me ler. Mas logo parou, pois assim pensou: “Estou cansada. Vou tomar um banho e depois continuo a leitura”.

E assim ela fez.

Após seu banho, reiniciou a leitura e leu-me até o fim. Bateu várias vezes o dedo sobre mim e pensou e voz alta: “É disto que eu preciso”. E colocou-me sobre a cômoda, onde havia um grande espelho.

Alguns dias depois, quando ela estava ausente, seu pai entrou em seu quarto, a fim de procurar um cigarro. Ah! Como ele gostava de fumar. Seus dedos eram amarelos de tanta nicotina. E aquele homem bem gordo começou a abrir as gavetas, quando me viu sobre a cômoda.

“Ora esta, este folheto de novo? Parece que ele me persegue”, exclamou. Tomou-me em suas mãos e lembrou-se que era o mesmo folheto que deixara no bolso de sua jaqueta.

Era o Grandalhão.

Como este mundo é pequeno. Desde aquele dia, quando doou sua jaqueta para o lar de velhos, quase cinco meses tinham-se passado.

E pela primeira vez leu-me inteiro, esquecendo-se do cigarro.

Então falou o mesmo que sua filha: “Ê disto que preciso”.

As palavras caíram em seu coração como a chuva cai sobre a terra árida e quente.

Rapidamente fui absorvido.

Leu-me mais uma vez. E quando estava lendo-me pela terceira vez, chegou sua filha. Ele tentou disfarçar, mas já era impossível.

- Então, - disse ela, - gostou do folheto?

Ele, com poucas palavras, disse que aquilo era bobagem e saiu de seu quarto.

Assim que ele saiu, ela começou a ler-me outras vez. E ficou pensativa, olhando pela janela, com olhar perdido e vazio. Colocou-me sobre a cômoda novamente.

A minha mensagem caiu em seu coração, e eu fiquei bastante satisfeito.

Seu pai, entretanto novamente entrou em seu quarto, em sua ausência, à procura de mim e novamente me leu.

Tomou um papel e uma caneta e anotou o endereço que em mim havia. Deixou-me lá e saiu de mansinho.

No próximo sábado, quando convidada pelo amigo para o baile, ela disse-lhe que não estava sentindo-se bem e foi dormir cedo. Pela manhã, saiu sem avisar sua mãe e foi para o endereço que havia em mim.

Não demorou muito para encontrar o endereço.

Era uma igreja de tamanho regular e o culto estava iniciado.

Foi recebida por duas jovens que a levaram para um lugar não muito longe do púlpito, onde podia ver tudo que se passava. Ela estava sem jeito, pois nunca estivera numa igreja. Sentiu vontade de sair, mas as duas jovens estavam sentadas uma de cada lado dela. Impossível! Assim, ajeitou-se no banco.

Começou a olhar à sua volta e quase levou um desmaio. Logo à frente, uns dois bancos, estava seu pai, o Grandalhão. Ela nem podia acreditar no que estava vendo.

O culto iniciou-se bem alegre.

Um moço, lá na frente, dava as boas vindas aos visitantes.

E quando foi visto pela jovem, logo ela o reconheceu, pois era o que me distribuía na escada rolante.

Em seguida, uma menina de seus 14 anos, foi convidada para cantar um hino. Sua voz enchia aquela igreja. Era suave e profunda. Parecia que sua voz descia dos céus e flutuava pela nave da igreja.

O Grandalhão ficou emocionado e não levou muito tempo para descobrir que era aquela menina que me colocara em suas mãos.

Ela mesma! Lá estava ela.

E ficou triste por ter demorado em ir àquele lugar.

Depois desta apresentação, um homem subiu à plataforma e começou a falar do amor de Cristo. Suas palavras tinham a mesma força que eu tenho, pois, quando alguém me lê, fica tocado com a minha mensagem, pois já falei que o Deus Espírito Santo, através daquele homem, foi quem me criou.

Pois bem, ao terminar a mensagem, o pregador fez um convite para que qualquer pessoa que desejasse receber a Cristo permanecesse no salão. Muitas pessoas permaneceram.

O Grandalhão e sua filha procuraram sair bem depressa.

Apenas a filha viu o pai.

O Grandalhão, ao sair da igreja, foi para a casa de um amigo, aquele que zombou dele, quando lhe pedia um cigarro.

Desta vez, teve a coragem de dizer-lhe que estava vindo de uma igreja evangélica e que ficara impressionado com tudo o que ouvira. E ficou um longo tempo repetindo muita coisa de que se lembrava.

Mas o que mais o encantou, era a voz suave da menina.

Sua filha foi direto para casa. Assim que chegou, tomou-me em suas mãos e começou a ler-me.

Muita coisa que ouvira da mensagem estava escrito em mim.

E quando foi dormir já era tarde e escutou os passos de seu pai entrando na casa.

.oOo.

OS VISITANTES

Naquela semana, bateram à sua porta três pessoas. O moço de que já falei e as duas jovens que permaneceram assentadas ao lado da filha do Grandalhão.

Era costume daquela igreja anotar numa ficha o nome e o endereço das pessoas visitantes, onde havia a pergunta: se uma visita era desejada. Tanto na ficha da jovem como na do Grandalhão a resposta foi “sim”.

A porta foi aberta pelo Grandalhão que, sem jeito, convidou para que entrassem.

Em seguida, apareceu a jovem, cumprimentando as visitas. Sua mãe, como de costume, não estava em casa.

Tomando a palavra, o moço disse-lhes que sua visita deles naquele domingo foi motivo de alegria para eles e para Deus.

O Grandalhão abaixou a cabeça, pois nem imaginava que sua filha o vira na reunião.

Ela, por sua vez, esboçou um sorriso e disse:

- Ora, papai, eu estava assentada dois bancos logo atrás.

O pai ficou espantado e a conversa tornou-se descontraída.

Entre muitas coisas, o Grandalhão falou da menina que colocou-me em suas mãos e sua filha disse ao moço que lá na escada rolante também me recebeu de suas mãos.

As visitas àquela igreja se sucederam.

Semana após semana, o Grandalhão ia com sua filha à igreja, até que, num domingo, após a mensagem, os dois se entregaram a Jesus Cristo quando aquela menina cantava com sua voz o hino que dizia:

“A divinal mensagem
Avisa o pecador
Que Deus amou ao mundo
E deu-lhe um Salvador:
E quem em Jesus Cristo crer
Eterna bênção há de ter”.

Foram à frente e se abraçaram, confessando a Jesus Cristo como seu único e verdadeiro Salvador.

O lar do Grandalhão e sua filha agora era outro.

Sabiam da resistência e da zombaria da mãe, mas isto não importava. Agora eles desejavam testemunhar para ela a mudança operada em suas vidas.

E graças a mim, um folheto de quatro páginas.

.oOo.

ENCONTRADO NUM LIXÃO

Minhas experiências são muitas ao longo de minha existência (ora, existência é força de expressão, pois você já me conhece muito bem e sabe que sou um folheto de quatro páginas).

Estava chegando o Natal e fazia um calor intenso.

Já lhe falei que sou alérgico à nicotina e ao papel velho, isto é, bem mais velho do que eu. Mas sou alérgico, também,

por lixo, entulho, coisas que os outros jogam por não servirem mais.

Creio que você já desconfiou onde fui parar: numa montanha de lixo, num terreno baldio.

Pobre de mim! Estava no meio de muitas caixas e papéis de presente, todos com figuras de Papai Noel.

E eu estava numa caixa pequena, metade do lado de dentro e a outra do lado de fora. A caixa estava com a tampa bem fechada. Minha posição era desconfortável e eu estava temeroso que chovesse, pois assim ficaria molhado só na outra metade que estava do lado de fora da caixa.

Penso que se passaram vários dias, que para mim representaram uma eternidade.

Um certo dia escutei vozes de crianças.

Duas delas estavam disputando a posse da caixinha onde eu estava, quando a mesma foi aberta. Neste exato momento, aproximou-se um velho, que logo descobri ser o avô daqueles meninos.

Tomou em suas mãos a caixinha vermelha e deparou-se comigo. Voltado-se para os meninos, disse-lhes:

- Bem aqui, do outro lado, você viu uma caixinha igual a esta; portanto, cada um vai ficar com uma, e eu vou ficar com este folheto.

Imediatamente guardou-me no bolso e a discussão entre os dois meninos cessou.

Descobri que eram pobres, pois estavam neste lugar à procura de papéis velhos para serem vendidos. No final do dia, os três voltavam para casa, cada um com um fardo nas costas. O do velho era bem maior do que o das duas crianças. Colocaram os fardos num quarto da casinha, enquanto os meninos guardavam suas caixinhas vermelhas enfeitadas com as figuras do Papai Noel. Há muitos anos sua única filha tinha morrido de tuberculose e seu genro abandonara as duas crianças, desaparecendo.

Agora, ao velho, um viúvo com seus 68 anos de idade, cabia o cuidado dos dois meninos, um com 12 e o outro com 10 anos de idade.

Nesse dia, o velho estava muito cansado e foi para o seu quarto mais cedo que de costume.

Era um quarto sombrio e triste, com uma lâmpada bem fraquinha. Acima de sua cama havia um quadro com os dizeres do Salmo 23: *“O Senhor é o meu Pastor e nada me faltará”*.

Em tempos passados fora um crente verdadeiro, mas a companhia de maus amigos o tinha afastado da senda da cruz.

Começou a perder o interesse pelas coisas do Senhor e acabou abandonando a vida de fé. Sua esposa, quando ainda estava viva, nutria um desgosto muito profundo, mas ela até sua morte foi fiel ao Senhor Jesus Cristo.

O velho, longe do Senhor, ia de mal a pior, até que sua filha veio a morrer, após longo sofrimento.

Perdera há muito o hábito de ler a sua Bíblia, embora a mesma se encontrasse sobre um pequeno móvel em seu quarto.

No dia seguinte, encontrou-me em seu bolso e começou a ler-me.

Percebi que “comia” minhas palavras. Minha mensagem para ele parecia ser a mais fina iguaria de um banquete. Seus olhos reluziam. E quando terminou de ler-me, sorria e, ao mesmo tempo, soluçava.

Olhou para o quadro da parede do seu quarto e leu em voz alta aquele versículo do Salmo 23.

Percebi que minha mensagem lhe fizera muito bem, pois tomou a Bíblia em suas mãos, o que há muito não fazia, passando a conferir as citações. E assim ficou por mais de uma hora.

Era outra pessoa.

Tornou-se mais amável com os netos e estes notaram a mudança operada em sua vida.

Alguma semanas depois, foi visitar uma igreja próxima à sua casa, levando os netinhos, que gostaram bastante da Escola Dominical.

O velho, entretanto, não largava a sua Bíblia e muito menos a mim. Onde levava a sua Bíblia, levava-me também. E a todos dizia que jamais deixaria os caminhos do Senhor | Jesus.

Seus netos cresceram aprendendo as lições sobre a vida de Jesus, tornando-se os melhores alunos da Escola Dominical.

.oOo.

A VISITA INESPERADA

Amanhecia. Aquele seria um dia cheio de sol e de alegria. Era o dia de Natal.

Assim que se levantaram, ouviram uma batida forte na porta. Era tão difícil aparecer uma visita, mas, como era o dia de Natal, quem sabe. Não era o Papai Noel.

Era um homem de seus quarenta e sete anos, desejou-lhes um feliz Natal. As crianças não estavam compreendendo a situação. Para elas não passava de um estranho, mas para o velho não.

Era o pai fujão. Depois de muitos anos estava voltando. Assim que se apresentou às crianças, entregou-lhes os presentes que comprara: um lindo par de tênis para cada um.

Entre muitas coisas que falou, disse-lhes que errara muito em abandoná-los, mas que agora pretendia ficar com eles. Os caminhos errados, o vício e os maus amigos contribuíram para sua infelicidade, mas agora pretendia mudar de vida.

Conservaram-s até a hora de dormir. As crianças estavam contentes. Parecia mais um sonho, pois a felicidade era tamanha. À noite, o velho foi para uma reunião de oração na casa de uma família, não muito distante dali. E para que seu genro descansasse, improvisou uma cama em seu quarto.

Ao sair, o deixou descansando.

Para a reunião, o velho levou apenas a sua Bíblia, deixando-me sobre a cômoda.

Mais do que depressa, fui tomado pelas mãos daquele homem. Mal começara a ler-me, falou em alta voz: “Ora, já vi este folheto em algum lugar... Mas onde?... Nunca fui a uma igreja?”

E ficou pensativo por alguns instantes.

Um grande número de amigos veio-lhe à mente, mas todos detestavam as coisas de religião... Lembrou-se de colegas de trabalho... Colegas de jogatina, mas nada.

Assim completou a minha leitura. Mas continuou se martirizando tentando lembrar onde e com quem estava quando tomou-me em suas mãos.

E logo lembrou-se.

Estava com o Grandalhão, sim com o Grandalhão, quando lhe pedia um cigarro.

“Este folheto caiu de seu bolso. Eu o apanhei e deu uma gargalhada...”

Sim, estava com o Grandalhão.

“Por onde andará o Grandalhão? Talvez tenha morrido... Ah! Que saudades do velho amigo...”

.oOo.

À PROCURA DA CASA DO GRANDALHÃO

Mal conseguira dormir. A figura do amigo não saía da sua cabeça. Precisava encontrá-lo.

E foi assim.

Bem cedinho, perguntou às crianças se gostariam de passear com ele, pois desejava visitar um amigo de muitos anos.

Não foi fácil. Depois de muitas horas chegaram à rua onde morava o Grandalhão.

Descobriram a sua casa e bateram à porta. Saiu uma senhora de seus sessenta anos informando que a pessoa procurada não morava mais naquela casa. Disse-lhe que aquele homem estava morando a duas quadras daquela rua, numa casa alaranjada.

- Perguntem sobre o pregador, pois é assim que o conhecem.

“Pregador?”, pensou ele. Deve ser engano. “O Grandalhão tinha raiva de crentes, de igreja... Mas quem sabe?”

E foi para aquela rua, perguntando sobre um tal pregador para um grupo de crianças.

E não foi difícil. Elas disseram que era o melhor homem daquela rua. Disseram as crianças:

- Esta rua, desde que o pregador se converteu, com sua filha, tem-se transformado num lugar de muita alegria. Eles falam do amor de Cristo a todos nós, aos domingos. E nossos pais não perdem uma reunião.

Para aquele homem isto não passava de engano.

“O Grandalhão? Um pregador?”, pensava ele.

E assim foi levado pelo grupo de crianças à sua casa, uma casa cor de laranja.

Quando saiu à porta, notou que era ele mesmo.

Continuava bem gordo. Seus cabelos agora estavam totalmente brancos. Mas seus olhos transmitiam algo que nunca vira no Grandalhão: eram olhos de paz, de alegria, de vida... Era ele mesmo, sim, lá estava ele.

Quando o Grandalhão o viu, logo o reconheceu. E com um abraço bem forte o levou para a sala. Velhas recordações foram lembradas por seu amigo, como noites de farra, mulheres, jogatinas, bebidas,...

O Grandalhão, que ficara calado o tempo todo, apenas recordou o dia que eu caíra do seu bolso.

Lembra-se daquele dia? Você zombou de mim, chamando-me de cristão. E eu também zombei o mais que pude. Pois bem, hoje pela graça do Senhor Jesus, sou um cristão.

E contou-lhe que eu mudara sua vida...

Um folheto de quatro páginas! Contou-lhe que encontrou-se com o Senhor Jesus e que Ele transformou sua vida e a vida de sua filha.

Ah! Ia-me esquecendo de dizer-lhe que ela está casada e casada com o moço que me entregou a ela.

E, bem contente, continuou contando a história de sua conversão e lamentando o fato de sua mulher ter morrido sem aceitar o Senhor Jesus como Salvador.

Nesta altura, um fio de lágrima desceu pela face do Grandalhão, mostrando ao seu amigo os perigos de uma rejeição ao convite do Senhor Jesus.

- Então foi aquele folheto,... - balbuciou seu amigo.

E voltando-se para o Grandalhão disse:

- Já lhe contei a triste história da minha vida. E como voltei para a casa de meu sogro. Mas o mais interessante é que, lá chegando, encontrei o mesmo folheto. Olha ele está aqui.

E, entregando-me ao Grandalhão, este aproveitou a oportunidade para falar-lhe novamente do amor de Deus.

Muitas outras visitas foram feitas. Ora na casa do Grandalhão, ora na casa do seu sogro. E em cada uma destas mais se falava do amor de Deus.

Não demorou muitos meses quando o velho amigo do Grandalhão aceitou a Jesus como seu Salvador. Estavam todos na casa do velho. Aquele humilde lugar transformou-se num pedaço do céu e a alegria era muita, tal qual acontece no céu quando um pecador se arrepende.

.oOo.

NUM QUARTO DE HOSPITAL

Tenho também muitas histórias de hospitais. É o lugar onde moram o sofrimento e a tristeza e onde muitas lágrimas são derramadas.

Lembro-me de um versículo que meu criador sempre comentava: **“Melhor é ir à casa onde há luto do que ir à casa onde há banquete, pois naquela se vê o fim de todos os homens; e os vivos que o tomem em consideração”**.

E eu tenho visto bem de perto o fim de muitas pessoas.

Certa ocasião fui parar num quarto de hospital.

Fiquei assustado com tanta dor e logo descobri que se tratava de uma mulher muito bonita, mas o câncer levara

toda a sua beleza. Seu corpo parecia afundar-se na cama e, na face envelhecida pela dor, sobressaíam seus grandes olhos molhados de lágrimas.

Lá fiquei muito tempo.

Embora ela não fosse atraída por mim, eu estava atraído por ela. Queria saber mais da sua vida.

E não me foi difícil, pois não demorou para receber uma visita.

Era um jovem bem simpático, acompanhado de sua esposa.

Quando entraram no quarto, logo os reconheci.

Era a filha do Grandalhão, lembra-se? E seu jovem esposo era o mesmo que naquele dia, na escada rolante, entregou-me a ela quando ia ao baile.

Eles serviam a Cristo nos hospitais, levando o bálsamo da Palavra de Deus aos corações dos enfermos.

Quanto a mim, fui colocado sobre uma mesinha uns dias antes, enquanto aquela senhora dormia, e lá fiquei esse tempo todo, contemplando-a ela ora dormindo, ora chorando, ora gritando, até que este amável casal chegou. Seguraram com firmeza aquelas mãos tão magras e com um sorriso perguntaram sobre sua saúde.

A mulher, enxugando as lágrimas, disse-lhes que estava muito difícil sair daquela situação. As dores aumentavam dia após dia e não via qualquer sinal de cura.

E eu, da minha mesinha, escutava tudo, bem silencioso... Bem, isto é impossível, pois sou um folheto de quatro páginas.

Pois eu descobri que aquela não era a primeira visita do casal.

Muitas outras visitas tinham sido feitas àquela mulher. Eles perguntaram sobre seus filhos, seu marido, sobre os medicamentos que estava recebendo, sobre a atenção das enfermeiras, assunto tais que visavam um assunto melhor: o amor de Jesus Cristo.

Nesta altura, a filha do Grandalhão olhou-me detidamente. Seu olhar me assustou. Pensei que fizera algo

de errado, mas, que nada!, o que pode fazer de errado um folheto? Isto era coisa de minha cabeça.

O olhar da filha do Grandalhão era de surpresa mesmo. Pois fora eu quem lhe abria os olhos para contemplar o amor de Cristo.

Imediatamente, tomou-me em suas mãos, como uma joia preciosa com medo de ser quebrada.

Fiquei todo lisonjeado.

A conversa fora interrompida, diante da descoberta sobre mim, naquela cômoda. Nem seu marido, nem a mulher sabiam o que estava se passando.

Foi quando a filha do Grandalhão deu um grito de alegria.

- Vejam só o que eu achei!

E mostrou-me para seu marido.

- Foi este folheto que me levou a Cristo. Eu o recebi de suas mãos. Louvado seja Deus por esta descoberta, pois há muito não o via.

A enferma levantou a cabeça do travesseiro e mostrou-se surpresa diante de tanta alegria.

- Ma é um simples folheto... Nãoop me causou curiosidade em lê-lo desde o dia em que, ao acordar, o encontrei debaixo deste copo... O que ele pode fazer por mim? Pode tirar minha dor? Pode levar-me de volta ao meu lar? Posso voltar ao convívio de meu esposo e de meus filhos?

E, soluçando, começou a chorar silenciosamente.

Rebeca, a filha do Grandalhão, vendo tanta dor, começou a afagar as mãos da mulher, perguntando-lhe se gostaria de ouvir a mensagem que eu trazia.

- Asseguro-lhe que a senhora vai gostar. Vou lê-lo bem devagar.

Ao terminar, Rebeca achou que a mulher dormia.

Depois de alguns minutos, a mulher pediu que me lesse novamente. Foi aí que Rebeca descobriu que ela não estava dormindo. Estava pensando com os olhos fechados. E Rebeca tornou a ler-me novamente.

Ao terminar a segunda leitura, falou de sua conversão, de como recebera a Cristo como Salvador, de como seu pai, o Grandalhão, também se tornara um cristão, de como seus vizinhos se converteram a Cristo, e foi contando muitas experiências.

Pouco antes de horário da visita terminar, aquele casal ajoelhou-se ao lado da cama e, numa oração comovente feita por seu marido, intercedeu em favor da enferma, para que seu coração fosse aberto para receber a salvação oferecida por Cristo.

No dia seguinte, a enferma leu-me novamente.

Desta vez, queria descobrir por si o poder de minhas palavras. Lia com o coração. E como eu aprecio quando me leem desse jeito! Eu sou sensível para perceber estas coisas.

As dores eram intensas. Para “matar” a saudade dos filhinhos, a doente guardava uma foto deles bem ao meu lado.

Quando seu marido vinha visitá-la, trazia-lhe cartas dos pequenos, que imediatamente eram lidas por ela. Como gostava de lê-las.

Entretanto, chegando o dia de ser visitada, ao avistar seu marido entrando pelo quarto, não mostrou interesse pelas cartas das crianças, que ele trazia como um troféu em suas mãos.

- Ora, o que está acontecendo com você? - perguntou-lhe o marido.

- Mal entro no quarto e sempre quer saber das cartas das crianças e hoje, nada... Está cansada? Perdeu o interesse pelas cartas?

- Não - respondeu-lhe a mulher.

- Quero, sim, ler as cartas para saber como elas estão. Devo lhe dizer que há dias estou lendo isto. - E me tomou em suas mãos, entregando-me para o seu marido.

- Então isto é mais importante que as cartas que lhe mandaram?

- Ora, - continuou ele. - Isto não passa de um folheto. Coisas de religião, de fanáticos.

E aquela mulher contou o que sentira ao ler a mensagem e que uma verdadeira esperança começara a brotar em seu coração, pois aquela leitura lhe fazia suportar as dores intensas.

Contou-lhe do sofrimento de Jesus, na cruz, da coroa de espinhos, dos cravos sobre Suas mãos e pés. Contou-lhe que, ao terceiro dia, ressurgiu de entre os mortos e que está vivo no céu e que hoje deseja salvar a todos os que O confessam como Salvador.

Seu marido, que ainda segurava em suas mãos as cartas enviadas pelas crianças, ficou surpreso.

- Vejo que este folheto virou sua cabeça. Há algumas semanas, seus gritos contra Deus eram intensos, culpando-O por tanto sofrimento. E agora parece que suas dores desapareceram.

Neste instante, Rebeca e seu marido chegaram para a visita.

- Então, como tem passado desde a nossa última visita?

Mais do que depressa a mulher respondeu:

- Este folheto também abriu os meus olhos e eu pude ver o Senhor Jesus estendendo a Sua mão para me salvar. Encontrei nEle um Salvador Eterno e agora minha vida está nas Suas mãos.

O marido da enferma estava emudecido.

O casal missionário tomou as mãos da enferma e, em gratidão, louvou ao Senhor pela obra do Calvário, e pela primeira vez os dois viram na mulher um semblante banhado pela paz de Jesus.

Enquanto a mulher lia as cartas escritas por seus filhos, Rebeca e seu marido falavam do poder de Jesus e de Seu amor maravilhoso àquele homem. Ele não podia entender quase nada, mas uma coisa não podia negar. Embora enferma, sua mulher desfrutava da mais profunda paz.

Enquanto a mulher lia as cartas escritas por seus filhos, Rebeca e seu marido falavam do poder de Deus e do Seu amor maravilhoso àquele homem. Ele não podia entender

quase nada, mas uma coisa não podia negar. Embora enferma, sua mulher desfrutava da mais profunda paz.

.oOo.

DENTRO DE UM AVIÃO

Tenho muito medo de altura. Creio que, por ser um folheto, corro muitos perigos. Posso sair voando, embora não tenha asas, e cair ao mar.

Bem, com todo este tamanho de medo, fui parar num avião. Sim, num avião bem grande, com poltronas confortáveis, ao lado de pessoas importantes. Estava bem encolhido num bolso de paletó, ao lado de um lenço bastante perfumado. Por certo, alguém me entregou no aeroporto. Após acomodar-se na poltrona, aquele homem tirou-me do bolso e fez um gesto como quem ia me amassar. Fiquei com medo e pensei... (pensar é modo de dizer): “Com medo de altura, agora vou morrer amassado. Que morte horrível!”

Mas, felizmente, isto não aconteceu. Olhou-me com pouco caso (e isto para mim era uma ofensa), deu uma rápida olhada dentro de mim e guardou-me novamente. Não em seu bolso, mas no meio de talões de cheques, ao lado de uma caneta dourada tão reluzente que parecia ouro.

E aí, tornei a me preocupar. Não me censurem, pois tudo isto deve ser de gente velha. “E se roubassem, aquela pasta? Se ficassem com a caneta e com os talões de cheques e me jogassem ao mar?”

Seja como for, não tinha outro jeito. De lá não podia sair.

Algum tempo depois, percebi que estava fora do avião, pois o barulho ao meu redor era intenso. Ouvi (bem, ouvir mesmo não ouvia, vocês entendem, não?) buzinas de automóveis, sirenes de ambulâncias e não foi difícil descobrir que eu estava num taxi.

.oOo.

NUMA MANSÃO MARAVILHOSA

Todo aquele alvoroço cessou. Ouvi vozes, cumprimentos, abraços, beijos e crianças pedindo presentes. A pasta em eu eu estava foi colocada usobre umamesa e, em seguida, foi aberta.

Quase caí de costas. Bem, isto seria impossível, vocês entendem...

Estava numa casa tão bonita e grande. Luzes por toda parte e criados carregando as malas. Quaro crianças faziam a fsta e uma elegante senhora, ricamente vestida, estava abraçada com seu marido que acabava de chegar.

Eu estava bemn poertinho da caneta dourada. E, com,ko sou ciruioioso, fiquei prestandoi atenção em toda a conversa.

Aquele homem se chamava Daniel e era um próspero fabricante de peças para autom´oveis. Estava vindo de Hong Kong quando, numa escala em Brasília, fui parar no seu bolso.

Ele epassou a descrever todos os detalhes da viagem para sua esposa, os costumes daqueles povos, os negócios realizados e uma euforia contagiante podia ser ida em seus ohos.

E eu permanecia naquela pasta junt à caneta dourada. Já estaa ficando cansado de ouvir tantas notícias. Pareia mais umj tele-jornal!

A pasta apreta permaneceu aberta a noite oda.

No dia seguinte, após um gostoso café, Danie Fechou-a, saindo para siua fábrica, dirigindo umautomóveliportado. Que luxo!

.oOo.

NUM CONFORTÁVEL ESCRITÓRIO

Percebi que tínhamos chegado a algum lugar.

Daniel abriu sua pasta e aí vi que estava em seu escritório, uma ampla sala bem decorada, com móveis de fino gosto.

Tirou os talões de cheques, a caneta dourada e... quando seus dedos chegaram perto de mim, quase desmaiei.

Já perceberam como sou exagerado? “Bem, pensei, agora vou para o lixo. Do cesto não escapo”. Mas, para meu alívio, relaxou-se na cadeira marrom e começou a ler-me. Lia-me com atenção, embora o fizesse bem rápido. Terminada a leitura, guardou-me em sua gaveta.

Logo pensei: “Vou ser comidaa pelas traças”, mas de pronto abandonei meu pessimism, pois num scritório tãoluxuoso não podem existir traças. Este penamento deixou-me feliz.

Embora muito rico, Daniel era um homem mui infeliz.

Seu avô, já falecido, fora fiel ao Senhor Jesus até a morte. E Daniel levava o nome de seu avô.

Quandoi menino, gostava de ouvir as histórias da Bíblia. A que mais apreciava era Daniel, na coiva dos leões.

Depois a morte do avô, já um raapz de seus dezssete anos, nunca mais se interessou pelas histórias da Bíblia.

Neste dia, quando acabara de ler-me, tais recordações vieram à sua mente. “Como meu avô era um homem feliz! Quando falava do amor de Cristo, seus olhos reluziam”.

E ficou por um bom tekppo reciordando a vida de seu avô. Abriu novamente a gaveta, tirou-me dela e começou a ler-me novamente.

Epensou em voz alta: “Porque não posso ser feliz como meu avô”.

Sobre a mesa de Daniel havia uma corrspndência volkumosa, pois na sua ausênia fora se acumulando. Deixara ordens para sua sedretáia no sentido de que somente a correspondência comercial fosse aberta. As demais cartas deveriam aguardar a sua chegda.

Ebntre essa correspondência, uma chamou sua atenção. Destacava-se no envelope os dizeres: “UMA VIDA VITORIOSA”.

Abriu bem depressa e descobriu que se tratava de um convite para uma palestra dirigida a omens de negócios.

Pelo conteúdo da correspondênica, descobriu tratar-se de uma conferê4ncia evangélica. Seria reallizada dois dias depois, num hotel não muito distante de sal mfábrica.

Sem demora, pediu à sua secretária que reservasse um lugar.

Ao voltar para casa, à noite, abriu sua gaveta e colocou-me de novo em sua pasta. Lá estava eu de novo perto da caneta dourada, ao lado dos talões de cheques.

.oOo.

FALANDO DE MIM PARA A ESPOSA

Uma vez em casa, após o jantar, convidou sua esposa para conversarem na biblioteca. A mulher estranhou, pois Daniel não perdia as notícias na televisão.

- Ora, - disse ela, - não vai assistir as notícias?

- Mais tarde, quem sabe.

Voltando-se para sua esposa, contou-lhe que boa parte do dia vieram à sua mente muitas recordações de seu avô. Como era um homem feliz, alegre! Vivia cantando os hinos da igreja... E então sua esposa o interrompeu:

- Mas você é uma pessoa feliz... Só não canta hinos de igreja, mas canta outras canções.

- Bem, - respondeu ele, - é uma alegria com fundo falso. Não há nada como a alegria de meu avô. Ele conhecia a fonte da verdadeira alegria.

E, abrindo sua pasta, mostrou-me para sua esposa.

- Veja só o que me deram numa das escalas do avião.

- Ora, - respondeu ela, - sempre soube que as aeromoças oferecem revistas, mas folhetos...?

- Não, querida, não foram as aeromoças, mas um senhor de uns 30 anos, no saguão do aeroporto. Este folheto trouxe à minha vida lembranças gratas recordações da vida de fé de meu avô. Ah! Ia-me esquecendo de lhe dizer que, depois de amanhã, vou ouvir uma palestra de homens de negócios, uma palestra cristã. Não gostaria de ir comigo?

- Estarei muito ocupada neste dia. Nesta mesma hora tenho um encontro com muitas amigas, aquele encontro que

fazemos todos os meses para um bate papo informal. - E prosseguiu: - Quem sabe numa outra palestra irei com você.

.oOo.

OUVINDO A PALESTRA

Daniel foi um dos primeiros a chegar. Trazia sua pasta preta, onde voltou a me colocar.

Abrindo sua pasta, tomou em suas mãos e o convite para descobrir o número de sua mesa.

Era uma mesa grande, com capacidade para doze pessoas.

Lá chegando, colocou-me sobre a mesa, ao lado do convite.

Algumas pessoas circulavam pelo vasto salão, ora ajustando o som dos microfones, ora testando os aparelhos.

Alguns minutos depois, notou que um casal se aproximava de sua mesa. Assim que tomaram os seus lugares, cumprimentaram ao Daniel, que retribuiu polidamente.

Não demorou muito para estabelecer-se um diálogo.

Daniel descobriu que se tratava de um casal de crentes, os quais, por sua vez, tinham convidado um amigo para ouvir a palestra.

Não tardou muito e o convidado chegou e também assentou-se à mesa. As apresentações foram feitas e um bate papo cordial teve seu início.

Eu sei de todos os detalhes, pois, como já falei, estava sobre a mesa. Via tudo!

O casal que acabara de chegar eram Rebeca e seu marido, lembram-se? E o convidado era o marido daquela senhora convertida no hospital.

Não gosto de dar notícias tristes, mas deixe-me falar que aquela senhora faleceu alguns dias depois. De uma coisa tenho certeza, e por outro lado fico contente, é que aquela senhora descansou com Cristo.

Seu marido passou a ser evangelizado pelo casal e a palestra fazia parte deste trabalho tão abençoado.

A conversa estava animada. Faltavam quinze minutos para o início da palestra e o salão estava lotado.

De repente, Rebeca olhou sobre a mesa, e adivinhem quem ela viu: nada mais nada menos do que eu. Eu mesmo, ao lado do convite de Daniel.

- Onde ganhou este folheto? - perguntou Rebeca.

- Bem, - respondeu Daniel,- é uma longa história. - E passou a contar todos os detalhes que vocês já sabem.

Rebeca, em poucas palavras, também falou sobre mim e como minha mensagem a levou a conhecer a Jesus como o seu Salvador.

Quando o relógio marcava oito horas, um homem subiu à plataforma e deu as boas vindas aos presentes. Todos ficaram em pé, ao som de um hino cantado por um conjunto coral.

Daniel estava bem contente.

Em seguida, foi apresentado o pregador. Um homem bem alto, sorridente, que trazia junto de seu peito uma enorme Bíblia.

Daniel pensou: “Que grandalhão”. E era o Gandalhão, lembram-se? Desculpe-me, pois ainda não lhe falei seu nome. Chamava-se Laurindo.

Assim que foi apresentado aos presentes, Rebeca, sua filha, contou a Daniel e ao seu convidado que aquele homem era seu pai.

Antes da mensagem, algumas pessoas foram convidadas para testemunharem sobre sua conversão.

Entre elas, havia um homem pouco mais velho do que Daniel, muito alegre, com um sorriso bem largo. Assim que começou a falar, Daniel reconheceu-o. Tratava-se de um importador de bens de consumo, com o qual mantivera algum negócio no passado. Naquela época, não apreciou sua conduta profissional.

E Daniel pensou: “Quem sabe se agora ele se converteu...”

O que ouviu foi o suficiente para provar que realmente aquele homem era uma nova criatura.

Laurindo falou sobre sua vida vitoriosa. E usou como exemplo a vida do profeta Daniel. Suas tristezas em meio a uma grande pressão, as perseguições e as vitórias acumuladas. Levou os presentes se colocarem junto dele na cova dos leões, mostrando-lhes uma vida vitoriosa e que nada teme, especialmente quando confiada nas providências divinas. Contou sobre sua conversão e suas derrotas longe de Cristo, mas que, graças a mim, lendo-me com medo de ser visto pelos familiares, por sua filha, teve seus olhos abertos para Jesus.

E Daniel, assentado naquela cadeira, acompanhava com profundo interesse a mensagem do Grandalhão. Da mesma forma, o convidado de Rebeca.

A palestra estava terminando. O conjunto cantou o último hino e com uma oração deu-se o encerramento. Em direção à mesa onde se encontravam, aproximaram-se o Grandalhão e aquele homem que falou sobre sua conversão. Após as apresentações por Rebeca, Daniel, dirigindo-se àquele homem, disse:

- Já o conheço. Algum tempo atrás fizemos alguns negócios...

E não foi muito custoso para Magalhães, que era o seu nome, recordar-se de Daniel.

Todos estavam radiantes naquela mesa. Laurindo, a filha e o marido desta, que se chamava Marcos, e o viúvo, por nome de Domingos.

Daniel, entretanto, conversava com o Grandalhão. Suas palavras transmitiam uma mensagem de entusiasmo, e via nele um homem vitorioso.

Não perceberam que o salão estava quase vazio. Somente eles conversavam com entusiasmo, até que Daniel os convidou para uma visita a sua casa, ao que todos concordaram.

Tomando-me na mão, pois eu estava sobre a mesa o tempo todo, colocou-me em seu bolso, despedindo-se dos demais.

Daniel estava radiante.

.oOo.

UMA NOVA VIDA

Ao chegar à sua casa, após tirar-me do bolso, contou à sua esposa todos os detalhes da palestra e os novos conhecidos, Rebeca e Marcos, Domingos, um antigo conhecido por nome de Magalhães; mas o que mais o marcou, foi Laurindo, sua vida vitoriosa, mensagem tão maravilhosa...

Nesta altura foi interrompido por sua esposa:

- Querido, já estou curiosa em conhecer essas pessoas... Será que há uma outra palestra?

- Devo dizer-lhe, - respondeu ele, - que na próxima semana estarão em nossa casa para um jantar e tenho certeza que você terá a mesma impressão que a minha.

Mostrando-se satisfeita, Sueli, sua esposa, disse-lhe que logo escolheria o cardápio para o jantar, dando instruções à cozinheira.

E, olhando para mim, que estava sobre a mesa, tomou-me em suas mãos, lendo-me pela primeira vez. Percebi que me lera rapidamente, mas leu-me até última palavra.

O dia do jantar chegou.

Os convidados foram recebidos por Daniel e Sueli e prontamente introduzidos numa ampla sala, onde eu estava sobre uma pequena mesa.

Laurindo acomodou-se numa poltrona, sozinho, devido ao seu tamanho. Os demais, juntos, em diversas poltronas.

O ambiente era agradável.

Falaram de assuntos triviais, do tempo, da política, até que Sueli, dirigindo-se ao Grandalhão, falou-lhe da impressão causada em seu marido, ao que ele deu uma gostosa gargalhada.

- Um grandalhão desajeitado como eu? Velho?

- Se é desajeitado não sei, mas a mensagem daquela noite focou bem ajeitada no coração de Daniel. E o senhor falou de seu amigo predileto: o profeta Daniel!

Laurindo, voltando-se para Sueli, disse-lhe:

- Alguns anos atrás eu causava outra impressão. Era violento, maldoso, um coração cheio de ódio, até que Deus mostrou-me que aquele coração deveria ser mudado por um de carne. E foi isto que aconteceu, Sueli. O sangue precioso de Jesus purificou-me de todo o meu pecado e hoje sou uma nova criatura, sou um filho de Deus.

Nesta altura, a criada informou que o jantar seria servido. E a conversa continuou durante o jantar.

Aquele dia marcou profundamente a vida de Daniel e de Sueli, como um divisor de água.

Outros jantares foram oferecidos.

Daniele Sueli passaram a ler a Bíblia junto com os seus quatro filhos. E eu, este simples folheto, sempre estava presente.

Pude ver a transformação que estava sendo produzida naqueles corações, até o dia...ah...o dia no qual se renderam ao Senhor Jesus Cristo. Uma nova vida passou a existir naqueles corações. Era o amor de Cristo que dominava aquelas vidas.

E graças a mim, um simples folheto de quatro páginas, que os levou a conhecer um Salvador magnífico!

.oOo.

EM PLENA PRAIA

Fui colocado sobre uma pedra de tamanho médio próximo à praia. Como fazia um vento forte, para não ser levado, fiquei sob uma pequena pedra. As minhas bordas, entretanto, ficaram esvoaçando.

Não posso dizer quem me colocou nesta pedra, mas uma pequena oração ouvi antes de ser colocado ali, que dizia mais ou menos assim: “Senhor, vou deixar este folheto nesta

pedra. Que ele possa ser uma bênção na vida de alguém no mais profundo desespero. Em nome de Jesus, amém”.

Poucas pessoas se encontravam naquele lugar. Uma ou outra passava bem depressa encolhida em seu abrigo.

Bem ao longe havia uma ponte de madeira, secular, onde circulavam veículos. Ao lado, havia uma passarela para pedestres.

No dias ensolarados, muitas pessoas ficavam debruçadas em sua amurada contemplando o mar todo azul. Nesses dias, a disputa por um lugar era grande.

Apenas uma pessoa se apoiava sobre a ponte de madeira, pois o frio era intenso. Era um moço de apenas vinte e cinco anos de idade. Chamava-se Henrique.

Tristonho, olhava o mar com um olhar perdido e vazio. Parecia cansado.

Henrique trabalhava com seu pai, um fazendeiro, na criação de gado. Naquele dia pela manhã, desentendeu-se com seu pai. E aquela discussão prosseguiu quase por uma hora, até que Henrique desferiu um tamanho soco em seu rosto, deixando o pai prostrado junto ao solo.

Temeroso pela reação dos demais irmãos, resolveu fugir de casa. Estes eram seus pensamentos sobre aquela ponte: “Um filho que bate no pai não pode ser perdoado... Como fui fazer isso com meu pai...?”

E tocado de remorso, não via qualquer solução para seu mal.

Lembrou-se de sua infância, da escolinha rural onde aprendia religião, dos ensinamentos da professora e, sobre tudo, do dever do respeito aos pais.

Uma tamanha tristeza invadiu o coração de Henrique. Só uma coisa lhe restava: dar um fim à sua vida. Não podia mais viver carregando no seu peito tanta dor.

O barulho do mar misturava-se com o barulho de seus pensamentos. A imagem do pai não lhe saía da cabeça. O sangue escorrendo pela sua boca era a visão mais terrível que trazia.

“Um filho assim não merece viver... Não merece viver... Não merece viver...”

De onde se encontrava, avistou ao longe alguma coisa esvoaçando. E seu olhar fixou-se no estranho objeto: “O que será aquilo? Parece uma folha de papel. Mas quem a colocou naquele lugar? Por certo, brincadeira de crianças”.

Mas não havia ninguém por perto.

Uma atração irresistível começou a despertar a curiosidade de Henrique que começou a andar naquela direção. Andou bastante e, à medida que se aproximava, o estranho objeto começava a esboçar sua forma. Sim, era um pedaço de papel sob uma pedra.

Eu estava morrendo de frio. Precisava de um bolso bem quentinho, como aquele quarto no asilo de velhos, lembra-se?

Henrique tomo-me em suas mãos e começou a ler-me.

Pelo prazer e alegria que produziu nas pessoas, aquele frio podia ser suportado por mais um pouco. Especialmente sendo lido por um moço tão sequioso por minha mensagem.

E ele não se importava com o vento forte. Minhas palavras eram bebidas por ele como o chá mais delicioso e fumegante.

Eu estava bem defronte de seus olhos e pude perceber o efeito de minha mensagem. Seu olhar não se voltava, perdido, para a praia do mar, mas prendeu-se em mim. Era um olhar à procura de um conselho, de uma voz amiga que o abraçasse, de alguém afagando os seus cabelos, tomando-o nos braços e dizendo-lhe: “Eu te amo... E te perdoo... Para que tantos pensamentos tolos?... Pra que pensar em tirar sua vida?... Ele é preciosa para Deus”.

Não tinha qualquer dúvida, pois minha mensagem tem este poder. Ela aponta para a obra de Jesus lá no Calvário e mostra a solução para o pecado do homem.

Quantas vidas já foram transformadas pelo conteúdo de minha mensagem. Henrique tornou a ler-me. E cada leitura que fazia tinha o efeito de um sabonete: ficava mais reluzente. Seus olhos brilhavam mais. Uma alegria esboçava-se em seu rosto.

Os pensamentos de suicídio, atirando-se ao mar daquela ponte, foram esquecidos, pois minha mensagem dizia que há um Pai que perdoa todo aquele que recebe a Cristo como Salvador.

Descobriu que o seu pecado, agredindo ao pai, uma vez confessado a Cristo, poderia ser perdoado.

Cheguei em boa hora às mãos daquele rapaz. Mas não foi só por acaso. Nos planos de Deus não existem coincidências. A oração daquela pessoa foi atendida. Deus usou-me para salvar a vida de Henrique.

Naquele mesmo lugar ele confessou a Cristo como Salvador. Sem saber orar, com suas palavras simples, ele falou: “Obrigado, Senhor. Eu desejo aceitar Jesus como Salvador pessoal. Preciso de forças para voltar à minha casa... Preciso de coragem para enfrentar meu pai...”

E, resoluto, tomou a direção de sua casa à procura do perdão do seu pai.

.oOo.

NA CELA DE UM PRESÍDIO

Num dia de muita chuva fui parar numa cela de um presídio. Que experiência mais triste!

Fui levado por uma mulher de seus vinte e cinco anos, por nome de Joana, cujo noivo se encontrava preso.

Era dia de visitas. Muitas pessoas estavam no grande portão de entrada, aguardando a hora determinada.

Como de costume, dois homens e duas mulheres, guardas do presídio, se encarregavam da revista.

Neste dia, porém, somente uma policial feminina estava a serviço, uma senhora baixa, gorda, com cerca de trinta anos de idade.

Joana estava ansiosa.

Vestia uma capa de plástico e um par de botas brancas. E ambas estavam bem molhadas. Trazia, ainda, uma sacola bem enorme com roupas, frutas, pilhas para o rádio, toalhas e um vidro com loção.

Era a quinta da fila para revista.

Ao chegar sua vez, entrou num pequeno quarto e foi revistada pela policial feminina. E eu lhe deu permissão para a visita, ficando com a sacola.

A vontade de rever e estar com seu noivo era muito grande.

Marcelo, seu noivo, estava detido fazia quase oito meses, devido a seu comportamento com o tráfico de drogas. As más companhias e as noites gastas em bares, à procura de diversão, contribuíram para seu total degraçamento e a entrada para o caminho do vício, a droga, seu uso e distribuição, foi bem rápida.

Uma vez na pequena cela, iniciou uma amizade com um homem chamado Aristides. Entre os demais detentos, era o que melhor se comportava. Suas maneiras, sua educação, seus pensamentos eram totalmente diferentes.

Aristides cumpria pena por bigamia. Casara-se duas vezes.

A bigamia, cometida na juventude, quando se dá maior vasão aos impulsos momentâneos da vida, não podia deslustrar seus antecedentes.

Marcelo descobriu, ainda que Aristides frequentava as reuniões evangélicas realizadas no presídio, nutrindo assim uma simpatia muito grande por ele.

Muitas vezes lia histórias da Bíblia e contava muitos milagres de Jesus, causando em Marcelo uma admiração notável, pois para ele tudo era novidade. No mundo em que vivia e onde fora criado, as palavras de Aristides eram como favos de mel.

Não levou muito tempo para Marcelo também frequentar as reuniões evangélicas. Agora eram dois naquela cela, onde muitos homens viviam encarcerados.

Neste dia Marcelo estava ansioso para ver sua noiva.

Desde que fora preso, ela nunca falhara em suas visitas, mesmo quando contraíra um resfriado muito forte. E, olhando para o seu relógio, começou a preocupar-se: “E Marcelo pensava: “Será que Joana virá?”

Em meio a estes pensamentos, bem ao longe avistou o largo sorriso da noiva. Vinha com sua capa molhada, um lenço preso à cabeça e uma sacola em suas mãos.

Que felicidade! Conversaram bastante. Queria notícias, mais notícias. E assim permaneceram os dois, até que Joana tirou do fundo do bolso de sua capa um pequeno pacote.

Ao sair de casa, um amigo de Marcelo entregou para Joana o referido pacote, dizendo que era um sabonete medicinal para o tratamento de uma alergia que o incomodava. No entanto, era mentira. Tratava-se de quatro pedras de “craque” que foram embrulhadas num pequeno papel. Não um papel qualquer, mas num papel todo especial.

Amigo leitor, para sua surpresa, o papel nada mais era do que eu mesmo!

Já tive muitas utilidades, mas a de embrulhar pedras de “craque”, nunca.

Que experiência terrível!

E o amigo de Marcelo acondicionou-as numa caixa, como sendo sabonete medicinal! E Joana, sem saber, foi a portadora desta terrível encomenda.

- Ah, ia-me esquecendo. Este pacote foi entregue por Chaveco. É um sabonete medicinal para sua alergia - disse Joana.

Marcelo, olhando para sua noiva, respondeu:

- Ora, eu não preciso de sabonete medicinal...

E, abrindo o pequeno pacote, mudou de cor ao ver o que continha: quatro pedras de “craque”.

- Ora, veja só o que Chaveco me mandou. É realmente um louco. Será que ele não sabe que larguei este vício terrível?

E imediatamente jogou as pedras num ralo próximo ao lugar onde se encontravam.

Sua atenção, entretanto, voltou-se para mim.

Eu estava bem amassado, mas com um bom jeitinho ficaria em forma novamente. E foi isso que Marcelo fez.

Alisou-me várias vezes, recompondo-me, e eu voltei e ter as minhas formas.

Lá estava eu novamente, mas com um bom jeitinho ficaria em forma novamente. Lá estava eu novamente, livre daquelas drogas. Confesso que o cheiro delas já estava me causando tonturas, pois você sabe que eu sou alérgico por papel velho e por cigarro, como aquele do Grandalhão.

Felizmente, as drogas estavam jogadas naquele ralo e eu estava nas mãos de Marcelo.

Foi assim, amigo leitor, que entrei naquela cela. Um folheto de quatro páginas encarcerado. Para mim esta era uma experiência nova.

E Marcelo, voltando-se para sua noiva, ponderou no perigo que ela acabara de correr, pois poderia ser presa.

E se Joana fosse presa, eu também corria perigo, pois eu seria jogado numa lata de lixo, rasgado pelas mãos da polícia.

Mas nada disso aconteceu. Eu tinha muito que fazer naquela cela.- Olha só para isso, Joana. Um folheto. Uma preciosidade que foi usada para embrulhar aquela droga. Uma verdadeira joia.

E antes que a visita terminasse, leu-me para sua noiva. Minha mensagem causou-lhe um efeito positivo, provocando-lhe a seguinte observação:

- Em cada visita descubro coisas novas em sua vida. Vejo em você um novo homem, tão diferente daquele que aqui entrou. Sem dúvida, o segredo está neste Jesus de que você tanto fala.

E, ao despedir-se do noivo, pediu-lhe que me deixasse consigo.

Lá fui eu com Joana. Não da maneira como ela, sem saber, me trouxe. Agora voltava com ela certo de que falaria ao seu coração.

Ao voltar para casa, já no ônibus, começou a ler-me. Minhas palavras causaram-lhe um impacto.

Ora pensava na mudança de comportamento de seu noivo, de sua nova dúvida, ora falava consigo: “Mas que força têm estas palavras!... Que força tem este livro tão querido por Marcelo, a Bíblia!... E ele me disse que as Escrituras falam de Jesus Cristo...”

Com estes pensamentos, nem percebeu que o ônibus já havia chegado ao seu ponto final.

Quanto a Marcelo e Aristides, eram novas criaturas. Ambos já confessavam a Cristo como Salvador.

Na próxima visita de Joana, fui com ela. Desta vez fui bem gostoso dentro de um Novo Testamento que lhe foi dado por Marcelo. Nada de camuflagem.

Passei de mão em mão em todos daquela cela.

Alguns mal sabiam ler, outros detinham-se nas minhas letras. Em cada um eu provocava uma reação. Dava oportunidade para que, através de mim, Marcelo e Aristides pudessem falar de Cristo e, assim, eu estava bastante satisfeito.

Por fim, Joana entregou-se a Cristo. Confessava-O como seu Salvador pessoal. Que magnífica vitória!

Pelo bom comportamento, a pena de Aristides foi reduzida e dentro de vinte e dois dias conquistaria a liberdade. Marcelo, dentro de dois meses. Portanto, estavam felizes.

Anos mais tarde, quando Marcelo e Joana já eram casados e frequentavam a mesma igreja evangélica, junto com a família de Aristides, encontraram dois antigos companheiros de cela, convertidos a Cristo através de minha mensagem.

Uma alegria imensa foi sentida por todos. E também por mim!

O lodo de pecado existente naquela cela tão horrível resultou em corações novos, brancos como a neve.

As lágrimas brotaram facilmente nas faces daqueles quatro homes outrora tão embrutecidos pelo pecado. Os laços do amor de Cristo os unia naquele dia memorável.

E um pacto glorioso nasceu naqueles corações: o de levar a mensagem da salvação de Cristo nos presídios.

E eu, um simples folheto de quatro páginas, um folheto falante, sem dúvida, deveria marchar com eles, como um velho desbravador, apontando a graça maravilhosa de Jesus.

.oOo.

MINHAS DESPEDIDAS

Estas são as minhas histórias. Espero não ter cansado o meu prezado leitor que, tão bondosamente, teve muita paciência comigo.

Um folheto como eu, modéstia à parte, tem um valor imenso.

Outros folhetos, tais como horóscopos, adivinhações, guias amorosos, não trazem a mesma mensagem que a minha. Eles procuram iludir as pessoas, desviando-as do caminho, da verdade e da vida que é Jesus Cristo.

Eles não têm força como a minha. Suas palavras não têm poder. Portanto, só iludem.

Fico contente porque falo de um Salvador eterno, de uma obra eterna, de um perdão eterno, de uma vida eterna.

As vidas que foram transformadas ao longo de minha existência hoje desfrutam o gozo dos céus. Como fico orgulhoso!

Bem, vou seguindo o meu caminho. Não quero aposentar-me. Há, sem dúvida, muitas almas que necessitam de minha mensagem.

Quero prosseguir entrando em favelas, nos hospitais, nas mansões, à beira mar, nos navios, em fim em todos os lugares.

Quero transformar gotas de desânimo e de angústia em cânticos de louvor.

Onde houver desespero, quero levar esperança; onde houver perigo de morte eterna, quero levar a vida eterna; onde houver lágrimas derramadas, quero mostrar Aquele que enxugará dos olhos toda lágrima; onde houve ódio, quero levar a mor; onde houver trevas, quero levar a luz.

.oOo.